

A Formação Boquira, um Registro da Tafrogênese Sideriana na Bahia

José Torres Guimarães – Jose.torres@cprm.gov.br

CPRM/Salvador

No Cráton São Francisco, a transição Arqueano-Paleoproterozoico parece caracterizar-se por um expressivo episódio extensional, quando ocorreu uma intensa fragmentação da crosta continental arqueana, propiciando a colocação de inúmeras intrusões de origem mantélica e a individualização de várias calhas tectono-controladas, que evoluíram para bacias de margem passiva.

O levantamento geológico 1:100.000 desenvolvido pelo Projeto Igaporã-Macaúbas (CPRM/Salvador) possibilitou, a partir das múltiplas informações coletadas nos trabalhos de campo, apoiadas por resultados laboratoriais precisos, a elaboração de uma proposta evolutiva para a Formação Boquira, a unidade de maior importância metalogenética dentre as que afloram na área do referido projeto. Esses depósitos se distribuem em faixas descontínuas, estreitas e alongadas segundo a direção NNW-SSE, sobre rochas arqueanas granito-gnáissicas-migmatíticas do Complexo Paramirim, orlados a oeste, pelos contrafortes da serra do Espinhaço. A sua principal e mais extensa área de ocorrência situa-se entre as cidades de Boquira e Macaúbas onde se verificam as maiores espessuras preservadas da unidade, estimadas entre 1.000 e 1.800 metros. Para sul, a espessura preservada se reduz para algumas dezenas de metros. Os limites da Formação Boquira são discordantes erosivos e angulares com as unidades inferiores do Complexo Paramirim e com as superiores do Supergrupo Espinhaço.

O primeiro estágio reconhecido de formação de bacias no segmento norte do Cráton São Francisco, no paleoproterozoico inferior, é marcado pelas ocorrências de unidades metavulcanossedimentares de ambiências tectônicas diversificadas, usualmente interpretadas como *greenstones* paleoproterozoicos (siderianos). No mesmo estágio evolutivo estão várias unidades sedimentares de ambientes estáveis (Formação Boquira, complexos Licínio de Almeida e Xique Xique, Grupo Colomi), em grande parte inseridas posteriormente no interior de orogenias riacianas e orosirianas, sem perderem suas características originais de depósitos de plataformas estáveis. Essas unidades são aqui correlacionadas a uma sequência sedimentar de 1ª ordem, poli-deformada e metamorfsada nas fácies xisto verde a anfibolito baixo, subdividida em várias sequências de 2ª ordem.

A Sequência Boquira de 2ª ordem compreende formações ferríferas do tipo Superior (fácies óxido, silicato e carbonato), carbonatos, xistos de mineralogias variadas e quartzitos, que se relacionam através de contatos interdigitados e gradacionais. Essa litologias químico-terrágenas sem contribuição vulcânica comprovada, são portadoras das mineralizações *stratabound* e/ou estratiformes de Pb-Zn (abrigadas na fácies silicato da formação ferrífera) da exaurida Mina de Chumbo de Boquira e de importantes depósitos de Fe e Mn. Entre 1959 e 1985 essa mina foi a maior do Brasil, com um conteúdo metálico da ordem de 650.000 toneladas de Pb +

Zn. Existe uma idade duvidosa de 2,5Ga (Pb-Pb) obtida em galenas coletadas em corpos de minério na Mina Boquira, além de uma idade de 2,1Ga (U-Pb) obtida em corpo granítico intrusivo na sequência Boquira. Atualmente as pesquisas em Boquira estão focadas na avaliação do real potencial de Fe e na viabilidade econômica deste bem mineral.

Interpreta-se que a Sequência Boquira se depositou em um segmento de uma bacia marinha tipo margem passiva, de águas rasas, com circulação semi-restrita (golfo), evoluida no Paleoproterozoico Inferior, entre 2,5 e 2,3Ga.